



Trabalhos Científicos

Título: Perfil Da Mãe Adolescente Em Maternidade Pública De Brasília

Autores: MICHELLY MENDONÇA ALVARENGA (HOSPITAL REGIONAL DE TAGUATINGA), NATHÁLIA ROBERTA LÔBO BOTELHO, JÉSSICA RODRIGUES NOGUEIRA, MONIQUE ROCHA CARDOSO, MARIA PAULA CAMPOS FERREIRA DE ALMEIDA, VICTOR CLARINDO NOMINATO RIBEIRO, JOSÉ MOREIRA KFFURI, LOREN ABREU N

Resumo: Objetivo: A adolescência marca a transição da vida infantil à vida adulta. Muitos desses jovens acabam se deparando com uma gravidez não planejada. São diversos fatores causais, incluindo baixo nível sócio econômico, baixa escolaridade, problemas familiares, falta de educação sexual no ensino. Nosso estudo busca traçar um perfil das mães adolescentes em maternidade pública em Brasília, no período de janeiro a julho de 2017. Metodologia: Estudo transversal, descritivo, em que 126 mães entre 11 e 19 anos foram selecionadas. Os dados foram coletados através de questionário com questões objetivas. Variáveis analisadas: idade da gestante e parceiro, situação conjugal, situação escolar, situação ocupacional, menarca, sexarca, uso de contraceptivos, uso de drogas/álcool, intercorrências na gestação, entre outras. Resultados: Média de idade entre 14 e 17 anos, maioria morando com o parceiro, renda familiar menor que o salário mínimo em 56,35 dos casos. Ensino fundamental incompleto em 62,79 dos casos e médio incompleto em 37,21 dos casos. Menarca entre 11 e 14 anos, sexarca entre 13 e 16 anos. 77,78 não planejaram a gravidez, mas aceitaram bem a mesma. 80,95 foram primigestas e a maioria fez pré-natal com seis consultas ou mais. 79,36 tiveram alguma complicação durante a gravidez. 68,25 partos normais, 31,75 RNs termo, 78,29 com peso acima de 2,5Kg (77,52) e APGAR entre 8 e 10 (90), 95,24 pretendiam amamentar ao seio. 65,7 usaram drogas e/ou álcool antes da gestação. Conclusão: As intercorrências durante a gestação e as características dos RNs não foram significativamente diferentes da população geral, porém as repercussões psicossociais foram devastadoras. Concluimos que ações públicas de prevenção, tanto em unidades de saúde quanto educacionais, deixam a desejar, devendo cada vez mais serem estimuladas por educadores e profissionais de saúde, modificando currículos de ensino, criando ambulatórios especializados, principalmente nas comunidades de baixa renda.